

## Surpresa - A estratégia da Polícia Federal



“**A** minha força não é bruta”, diz Rita Lee numa de suas canções. Então perguntamos: quando a força não é bruta? Quando ela está associada e integrada à inteligência, é a nossa resposta. A força, quando aplicada sem objetivos, é força posto fora, é desperdício de energia, é perniciosa e condenável. Se a força se estabelece em nome de uma ideologia, em nome da preservação de qualquer tipo de poder legitimado ou não, ela continua sendo bruta e diz-se que o regime é autoritário e ditatorial, pois na sua essência está no medo. A força truculenta e mal direcionada provoca o pânico. O poder das armas de um exército, por exemplo, pode direcionar, de forma equivocada, comportamentos e impor ideologias. Quem os enfrenta, chamam-se rebeldes – que podem estar armados ou não, para defenderem posições contrárias.

**P**artindo dos princípios acima temos três hipóteses para combater a violência e os demais tipos de crimes, principalmente, a corrupção: primeira, a força bruta, segunda, a força com inteligência e, terceira, a inteligência sem o uso da força. Assim, é demasiadamente arriscado enfrentar bandidos armados numa favela, por exemplo, somente com o uso da inteligência. Bandidos armados não se rendem aos argumentos da lei, ao contrário, banem a lei e aqueles que a pregam, ou seja, a lei comum é recebida com bala nos seus domínios que possuem suas próprias regras. Em lugares onde a lei é a força e as regras são impostas pelas armas, é preciso unir a força à inteligência para que o combate seja eficaz. Não é possível retribuir rajadas de balas com pétalas de flores. E, neste tipo de combate, o perdão só poderá surgir muito mais tarde quando a força esvaziar o seu paiol e um dos lados tiver sido derrotado. Em situações assim, os direitos humanos não devem pender somente para o lado do bandido – algumas ONGs defendem este tipo de coisa - é importante que seja dado a todos os “humanos” envolvidos no combate os mesmos direitos. Afinal, em última instância quem está na luta é um sujeito ou um grupo específicos de homens e não o Estado.

**A** estratégia muda bastante quando o crime a ser combatido é a corrupção. Nestes casos, os envolvidos são bandido igual, no entanto, agem quase sempre desarmados, com muita perspicácia e, algumas vezes, com bastante inteligência. Para este tipo de crime – que lesa uma sociedade inteira - é necessário agregar alguns elementos na estratégia de combate. Por exemplo, o elemento surpresa é uma arma inteligente e muito eficaz no combate a corrupção. O sigilo das operações prévias é outro elemento fundamental, principalmente para a

construção das provas. O corrupto quando não é pego de surpresa – com a boca na botija como se diz de forma coloquial – quase sempre se safava e, se as provas não forem previamente construídas, ele negará sempre sua participação. O corrupto é especialista em mentir, ele é capaz de negar a própria imagem, ele desmente a sua voz gravada, ele diz que ele não é ele. Nestes casos a inteligência é fundamental para preparar o elemento surpresa. Afinal, mentir quando se é pego de surpresa é sempre mais difícil. A Polícia Federal aprendeu bem esta lição e raramente utiliza-se da força bruta, no máximo alguns pares de algemas e um camburão. A sociedade aplaude este tipo de atitude.

Sérgio Peixoto Mendes, filósofo.  
Porto Alegre – RS  
Contato: [tell@philoterapia.com.br](mailto:tell@philoterapia.com.br)